

*Muita coisa
importante falta
nome*

Certo Sertão: Sessenta anos de fortuna crítica de Guimarães Rosa

K. David Jackson | Yale University - EUA

Resumo: Uma visão retrospectiva da crítica dedicada à obra de João Guimarães Rosa desde 1945 até 2005, à base de recortes do Instituto de Estudos Brasileiros, distinguindo fases nítidas de orientação teórico-crítica na evolução de sua significação literária.

Palavras-chave: crítica, teoria, interpretações.

I. Primeiras críticas: culto de bois e bois cultos

A fortuna crítica da obra de João Guimarães Rosa é, paradoxalmente, de estouro e evolução. Num estouro, o autor de *Sagarana* foi celebrado em 1945-46 por Álvaro Lins e Antonio Candido já como um grande mestre, à base de um só volume de contos, se bem que a crítica em geral não tivesse podido especificar exatamente em que consistia essa grandeza literária. Reconheceu-se a novidade sem se poder explicá-la nem analisá-la. Houve intuições inesperadas, atendendo à inovação, que pareciam prefigurar em embrião algumas das leituras especializadas mais teóricas e sofisticadas dos ensaios que se seguiriam.

Na verdade, essa crítica de raiz abstrata e filosófica antecipou uma época de intensa teorização à qual poderia ter servido de alicerce. Do ponto de vista de hoje, não deixa de ser fascinante discernir entre as primeiras observações em resenhas críticas de 1946 percepções que irão se desenvolver só mais tarde, quando surge uma teorização a par das suas potencialidades. As impressões críticas de Agrippino Grieco,¹ por exemplo, impressionam pela acuidade e rico potencial de suas percepções. Núcleos de interpretação penetrante se encontram no conceito de instabilidade, aplicado à população nômade dos contos, e de arbitrariedade, visto por Grieco na topografia móvel e nas regiões “cheias de nomes”.

Promissores temas interpretativos sugeridos por outros críticos em 1946 incluem a musicalidade, o oratório e a rapsódia, o ritmo e a pintura, tradições clássicas de língua, a lucidez e o mistério, a superstição e o trágico, a abstração e o nada. Examinada cronologicamente, a crítica rosiana resume inevitavelmente a história do próprio estado da crítica e dos seus conceitos, enquanto abre um caminho de perspectivas críticas sobre as sucessivas obras de JGR. Caracterizada por tentativas de definição, a crítica histórica tentou justificar a linguagem “diferente” de JGR à base do regionalismo e do nacionalismo, temas tradicionais.

Esses estudos leram em JRG o retrato, o folclore, o miniaturismo, a observação, a convivência, a descrição, as nomenclaturas, ou seja, a rapsódia total de uma região. Acompanhando essa leitura de fundo descritivo nota-se o estilo entendido como opulência, excesso, paixão, exotismo e divertimento, fonte de uma arte poética de inovação ou transfiguração à base da observação. A evolução histórica dessa crítica – com núcleos em 1945-46 (publicação de *Sagarana*), 1956 (publicação de *Corpo de Baile* e *Grande sertão: veredas*) e a consolidação crítica dos anos 60 e depois – estabelece os parâmetros para uma leitura possível, tanto limitando o alcance da interpretação, através da procura de definições e comparações, como incentivando a teorização sobre a natureza e o significado do texto, através da análise. As palavras de Sérgio Milliet testemunham a lenta evolução das perspectivas críticas: “só pouco a pouco lhe alcançamos a importância”.²

1. Agrippino Grieco, “Sagarana”, *O Jornal* (26-IV-1946).

2. Sérgio Milliet, “Sagarana”, *Correio da Manhã*. (22-XII-1951).

Mas no caso especial de JGR, antecedendo ao estouro ou evolução da fortuna crítica existe um prelúdio estranho, de uma época em que havia obras, mas ainda não havia autor. É sem dúvida irônico e sintomático que um autor tão conhecido por suas “nomenclaturas exuberantes”, na frase de Agrippino Grieco, um estudioso de línguas mencionado por Carlos Drummond de Andrade como fonte certa de nomes de bichos e plantas mineiros, tivesse entrado na literatura brasileira problematizando a identidade de autor e texto, exemplificado pelos casos de *Magma*, primeiras poesias premiadas, mas nunca publicadas pelo autor em vida. Além disso, “Contos” de “Viator,” a que foram negados o prêmio e a casa editora pretendidos, enquanto sob pseudônimo, antes de se transformarem no célebre volume *Sagarana* (1945), do mestre João Guimarães Rosa.³ A pré-história da crítica a JGR inclui as anedotas de Marquês Rebelo e Graciliano Ramos sobre a defesa e a crítica aos “Contos” de “Viator”, “que ninguém conhece”, no concurso Humberto de Campos de 1938.

Em um artigo defendendo o volume de cerca de 500 páginas,⁴ Marques Rebelo já prefigura uma polarização da crítica futura: “Conhecedor forte da vida brasileira, segurança absoluta na exposição dos seus ambientes, diálogo muito bem feito, elevação de idéias, bom gosto.” Graciliano, que votou contra “Viator”, embora reconhecendo qualidades excepcionais de observação e reprodução de fatos num mestre de “adjetivos aplicáveis a gado compostos de quatorze pentassílabos”, critica-lhe a arte difícil de escrever: “enjoei um doutor impossível, feito cavador de enxada”.⁵ Essa diferença de sensibilidade diz respeito a uma polarização subsequente da crítica: por um

3. Em um estudo (1988) da heteronímia em JGR a ser publicado em versão inglesa, Walnice Nogueira Galvão estabelece um paralelo com Fernando Pessoa na invenção pelo escritor mineiro de heterônimos inter-relacionados, responsáveis pela obra poética quase que escondida de um JGR, cujo nome ficou fixado pela obra em prosa. São as personalidades Soares Guimarães, Meuriss Aragão, Sá Araújo Ségrim, Romaguari Sães e João Barandão. As primeiras três aparecem em *O Globo* (1961), a terceira em *Ave, palavra* e a última nos epígrafes e nas quadras populares incluídos em *Corpo de Baile e Tutaméia*. Galvão revela como JGR cria os heterônimos do próprio nome, consciente da coexistência de vários “cérebros e corações” simultâneos na invenção de uma obra [“Heteronymy in Guimarães Rosa”, *Tropical Paths: Essays on Modern Brazilian Literature*, Randal Johnson, (New York: Garland, 1992)].

4. Marques Rebelo, “Depoimento”, *Dom Casmurro* (4-III-1939).

5. Graciliano Ramos, “Conversa de Bastidores”, *A Casa* 265 (junho 1946).

lado, o “culto dos bois”, ligando JGR ao nacional e regional; por outro, os bois cultos da arte difícil, “escribas que parecem vir de Coimbra para falar dos nossos matutos”, nas felizes frases de Agrippino Grieco. Passada a discussão e briga do julgamento, Graciliano ainda pensou em encontrar um dia o Viator escondido. E profetizou, em 1946, sobre uma grande obra inexistente de JGR: “Certamente ele fará um romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se”.

Um curral do palácio de Rambouillet

Depois desse prelúdio do oculto, estoura a marcha triunfal da “grande estréia” de *Sagarana* no *Jornal de Crítica*, de Alvaro Lins.⁶ Do autor desconhecido, Lins comenta o livro imprevisto como grande obra que desde logo ocupa um lugar insubstituível na literatura nacional. É também o caso de JGR, que manifesta um “completo domínio dos recursos literários [documento, estilo, riqueza, descrição, ciência, densidade] e com uma requintada experiência pessoal da arte de ficção”. Antonio Candido avança o argumento de Lins, reconhecendo JGR como um mestre e considerando o seu regionalismo mineiro “menos uma região do Brasil do que uma região da arte”.⁷ Região e estilo: essas são questões e orientações temáticas e estilísticas que serão debatidas pela crítica histórica em termos de nacionalismo e universalidade. Considerado um continuador e renovador do regionalismo, JGR é comparado principalmente a Euclides da Cunha e Affonso Arinos. Grieco acrescenta Kipling à lista, que abrange Ascêncio Ferreira, Monteiro Lobato, Godofredo Rangel, Simões Lopes Neto, Valdomiro Silveira, Catulo da Paixão Cearense, Bernardo Elis, Alcides Maia e outros. Em vista do contraste entre arte culta e tema rude, Grieco fala de uma pintura miniaturista de animais e bichos que faz filigrana com a vida rústica, levando o curral ao palácio.

A região é concebida, na leitura estética, como fonte e matéria prima para a poetização rosiana. Para Álvaro Lins, JGR não é limitado pelo regionalismo, que ele transfigura através do estilo elegante e nobre e da cultura intelectualizada, criando um espírito universal. Na transformação estética do interior, caracterizada como tosco, bárbaro e até informe, pela “arte civilizada...

6. Álvaro Lins, “Jornal da Crítica: Uma grande estréia”, *Correio da Manhã* (12-IV-46).

7. Antonio Candido, “Sagarana”, *O Jornal* (21-VII-46).

de representação”, Lins defende uma visão modernista que dá prioridade à renovação estética no retrato da terra. Na visão de Candido, JGR transcende a região pelo intenso trabalho lingüístico que dá expressão artística e literária a descrições de paisagens, que parecem coletânea de nomes. Uma região literária como a sua não existe em parte alguma, afirma Candido, a não ser na condensação e síntese estéticas. Assim o retrato acaba sendo mais verdadeiro porque trata de uma integração total de experiência, sujeito e objeto, interior e exterior. Lins repara que os melhores personagens são bichos, humanizados por uma vida interior imaginada e interpretada pelo autor. Como outros, Elói Pontes observa que os bois raciocinam e entendem, percepção que o leva a considerar que mugidos e abano de caudas constam de uma linguagem fechada ao homem.⁸ Essa diferença da linguagem faz parte de um entendimento hermético de JGR, complementando a “ecologia belíssima” nos contos de que falava Candido. A região, enfim, é transformada em personagem, e a arte em vivência para exprimir uma brasilidade universalista.

A Perfeição e a Pândega

A crítica da primeira fase é dominada pela dualidade, debatendo a relação entre regional e universal, no nível temático, e atenta ao encontro de defeitos e virtudes, o autêntico e o falso, no tratamento estilístico. Refletindo uma crítica dividida, o modernista de Cataguases, Rosário Fusco, propõe *avant la lettre* um *ex-libris* para JGR: “a perfeição e a pândega”.⁹ Lauro Escorel exemplifica a leitura positiva de região e estilo, equilibrados entre descrição e poesia: “um profundo conhecimento poético das palavras e das suas possíveis utilizações artísticas... um vigor descritivo nada comum entre nós e, mais do que isso, um poder de convicção bastante raro no gênero regionalista”.¹⁰ Discordando de Candido, embora mais tarde tenha retificado sua opinião, Sérgio Milliet acha JGR mais regional do que universal, sentindo na linguagem erudita uma incapacidade de interessar o leitor não brasileiro.¹¹ Critica ainda o JGR pelo

8. Elói Pontes, “Sagarana”, *O Globo* (10-VI-1946).

9. Rosário Fusco, “Entre a Perfeição e a Pândega”, *A Vanguarda* [Rio de Janeiro] (21-VI-1946).

10. Lauro Escorel, “Nasce um Escritor”, *Correio da Manhã* (28-IV-46).

11. Sérgio Milliet, “Leituras Avulsas”, *Diário de Notícias* (21-VII-46)

desenvolvimento horizontal e formal dos personagens, sem aprofundar a essência da sua “terra”; o ponto de vista “de fora” do autor o afastaria do mundo interior dos próprios personagens. Uma queixa, talvez iniciada por Grieco e que mais tarde se espalhará pelas resenhas é a da monotonia da escrita, a “frase de planura” que não se desenvolve, ficando no gosto pelos termos análogos, resumos mnemônicos e antonomásias, chegando a um estouro narrativo pela repetição. Refletindo os valores realistas da crítica, Grieco censura-lhe a falta de “elucidação psicológica”, porque nos diálogos os personagens se explicam independentes do autor. Wilson Martins, depois de louvar o estilo único desse *conteur* imaginativo, o raro poder expressional e emoção de uma “verdadeira revolução no conto brasileiro”, revelando a influência de Mário de Andrade no emprego inesperado de adjetivações, também considera como defeito a monotonia da leitura do conjunto de contos, que lembra Valdomiro Silveira (mencionado antes por Milliet) ou Simões Lopes Neto, o que indica que JGR “fracassaria no romance”.¹² Discute-se nessa crítica do regional se JGR é mais contista ou mais romancista, se poderá superar no futuro o estilo insólito de *Sagarana* e se está relacionado ou “nada tem a ver com a revolução literária e artística de 1922”.¹³

Filarmônica de lantejoulas

A experimentação estilística e a inovação lingüística e formal nos contos são interpretadas e julgadas de acordo com a verossimilhança e expressão mimética do sertão mineiro. As duas percepções principais da crítica estética são de musicalidade e pintura. Paulo Rónai fala da maleabilidade e adaptabilidade das “novelas” de JGR, que se modificam conforme o assunto.¹⁴ Sugere que a forma nos contos parece seguir o assunto, de modo que uma série de histórias e anedotas que não avançam a ação refletem, por exemplo, a viagem por etapas de uma boiada. Lins percebe uma unidade formal de conjunto em *Sagarana*, cujo enredo na sua totalidade simboliza o panorama, o retrato de uma região, animado pela imaginação e capacidade estética do autor. A dramatização rosiana é produzida por um cruzamento ou

12. Wilson Martins, “Sagarana”, *O Estado de S. Paulo* (29-VII-46).

13. Francisco de Assis Barbosa, “Sagarana”, *Diretrizes* (29-IV-46).

14. Paulo Rónai, “A Arte de Contar em ‘Sagarana’”, *Diário de Notícias* (14-VII-46).

desdobramento de linhas, levando o leitor a ângulos diferentes, para depois chegar a uma grande cena final. Para Agrippino, JGR é um pintor ou aguafortista, de uma simplicidade quase inocente, que tem o dom da música e da imagem. É o trabalho de um poeta que se aproveita da memória para as suas sínteses. Geir Campos repara no “extremo cuidado e carinho para com sua obra” em termos de retoques e artesanato primoroso, comparável a molduras para os quadros regionais. Sérgio Milliet vê a inovação estilística no ritmo, vocabulário e sintaxe de efeito, em que há uma profusão barroca de superfície e um excesso de originalidade. Milliet acha que o procedimento de JGR desnuda e abre demais a forma literária, característica que segundo a sua leitura ainda realista perturba a expressão profunda, propriedade do nível temático.

Olívio Montenegro interpreta os contos como forma de drama, lugar de encontro do dinamismo, da cor e da pureza da terra mineira com a idéia poética e a ação dramática.¹⁵ No excessivo gosto pelo jogo onomatopaico de palavras, porém, Montenegro critica a repetição e o conceito de poesia como uma magia das palavras. Nos “desvios” da ação pela descrição, o “abuso do detalhe descritivo ou do pitoresco verbal”, Montenegro entende a dificuldade de separar “os efeitos de detalhes dos efeitos de conjunto”, prejudicando o ritmo e a harmonia total.

Rosário Fusco, meditando sobre a natureza da inovação em JGR, sobre o dilema entre a coisa criada e o ato de criar, afirma que a alegria criadora não pertence ao vaso, mas à ação do oleiro: “Fazendo-se, cria-se, levanta-se”. Grieco e Rónai observam que JGR gosta de se divertir com o assunto, às vezes à custa do autor, confundindo o real e o irreal com simplicidade e espontaneidade. Indo mais fundo, em vista da prolixidade morfológica rural, Fusco qualifica a inovação como “fértil balanceio entre a perfeição e a pândega”, no qual, com o tempo, observa ironicamente que os termos se tornam intercambiáveis. É em termos dessa maleabilidade que Martins debate a problemática entre descrever e mostrar: uma vez que JGR mostra sem descrever – atributo dos diálogos – a tentação de descrever, aparente na riqueza de conhecimentos e de nomes, é ao mesmo tempo grande defeito e brilhante qualidade: “essa própria riqueza fosforescente, barroca e um pouco pirotécnica” não se insere na arte sugestiva que, para o crítico, é o fundo de toda ficção. Rónai comenta a aparente e enganadora imparcialidade da narração,

15. Olívio Montenegro, “Sagarana”, *Diário de Notícias* (17-XI-46).

apesar da ironia entre humor e cinismo, que serve para criar atmosfera. Encontra uma arte construída e consciente, aparentando naturalidade, que constrói uma crescente tensão dramática, até um desfecho trágico previsto. Candido sente uma força criadora que “escapa à crítica” por uma inexplicável paixão de contar e uma intensa estética do excesso. Rónai considera que a crítica vai deixar uma impressão falsa dos livros de JGR por causa de uma expressão verbal rica e excepcional, na qual haverá sempre novas descobertas. Na visão de Agrippino o livro é também de excesso e opulência: a obsessão de dizer tudo, isolando os personagens com uma pintura imprecisa, embora de luzes e sonhos que compõem uma bela aventura inesperada.

II. O prazer de ser original: *Corpo de Baile e Grande Sertão: Veredas*

Afrânio Coutinho sugere que é o romance de JGR que vai mudar a crítica, já que o autor “violenta completamente os quadros da crítica tradicional”, considerada inadequada, perplexa e incapaz de penetrar o mundo rosiano.¹⁶ Na crítica centrada em 1956, porém, aparecem estudos com novas orientações filosóficas, sobretudo depois da publicação de *Grande Sertão: Veredas*. Tristão de Atayde distingue o regionalismo de JGR dos anteriores, por ser um localismo apenas aparente.¹⁷ A diferença está no caráter universal, em que Atayde identifica “uma preocupação filosófica e portanto universal”. Coloca JGR entre duas vertentes opostas na literatura brasileira, forma e sociedade, afirmando que o autor os conjuga com um lirismo poético nas “fronteiras da prosa e da comunicabilidade” de um lado e uma documentação do acontecimento do outro. JGR escreve no espaço entre a representação e a realidade. Numa resenha de GSV, Antonio Candido consegue uma fusão entre “a anotação e a construção”, a descrição e o estilo, o realismo e o artifício, quando compara JGR a Bela Bartók, etnomusicólogo que trouxe ritmos e melodias populares húngaras a obras de requintada construção.¹⁸ Candido

16. Afrânio Coutinho, “A Nova Crítica”, *Diário de Notícias. Suplemento Literário* (15-VII-56), p. 3.

17. Tristão de Ataíde, “O Conto Neo-Modernista”, *Diário de Notícias* (19-VIII-56).

18. Antonio Candido “Resenha Bibliográfica”, *O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário* (6-X-56).

também faz uso do conceito de “estratificação de interesses”, que acompanham a exposição narrativa a cada passo: “do pitoresco regional à preocupação moral e metafísica”.

Adolfo Casais Monteiro passa o conceito de estratificação para o nível da escrita, situando GSV no limite de uma fusão de diferentes gêneros: “é um ponto final em que mito, romance, poesia e epopéia procuram fundirse através duma renovação total”.¹⁹ Oswaldino Marques une o documentário e o poético através da cinematografia. JGR é *camera man* que filma desde o interior das criaturas para revelar a sua existência “no centro mesmo do cosmo animal: a faunosfera”.²⁰ A poesia e a verdade se juntam nas imagens do universo “de infindável trânsito” do fotógrafo, transformando o mundo de formas desde dentro. Em importante estudo, José Geraldo Vieira parte da iteração rosiana para uma interpretação heurística, baseada na linguagem e no estilo como campo de inovação e originalidade.²¹ Separando JGR dos caminhos estilísticos de Mallarmé e Joyce, Vieira define o seu estilo como “dicção gráfica,” cuja poeticidade e plasticidade relaciona à “efusão barroca” e à “erudição reminiscente” praticada pelos trovadores da Idade Média. Segundo Vieira, JGR criou do meio “um espaço cúbico” que encheu de transposições e sincretismos, do feudalismo e da cavalaria, enquanto da heurística inventou “uma linguagem, uma sintaxe, metaplasmos, contrapontos, claves e síncope” que juntou num “conglomerado vivo, feito olho de inseto”. Vieira, assim como outros, construiu uma teoria compreensiva da arte e da inovação rosianas de grande sofisticação.

Candido já comentara em 1946 que a região que inventou JGR não existia em lugar nenhum. À base das transformações operando em GSV, a crítica iniciou uma redefinição do conceito de região, considerada por Casais Monteiro como “um mundo, um outro mundo, que parece fora do tempo e do espaço, e que todavia existe”. Um âmbito fora da vida social brasileira, a região era uma pintura, uma evocação mágica ao mesmo instante primitiva e elaborada, na explicação de Casais Monteiro. A existência de poesia no romance,

19. Adolfo Casais Monteiro, “O Romance em ascensão”, *Correio do Povo* [Porto Alegre] (8-II-58).

20. Oswaldino Marques, “Guimarães Rosa—Cineasta”, *Diário de Notícias* (10-VIII-58).

21. José Geraldo Vieira, “Os Guimarães Rosa Estrangeiros...”, *Folha da Manhã* (7-IV-57)

segundo o crítico, é outro possível primitivismo que problematiza a questão de gênero. Encontrando o espírito autêntico da obra na canção de gesta, Casais reconhece uma forma antiga de poesia épica através da qual GSV regressa a uma forma ideal original, voltando às origens do romance, num primitivismo de evolução de formas que faz aumentar a dignidade romanesca. Affonso Ávila também comparte o achado de primitivismo em JGR, visto na recriação artística da língua prodigiosa do sertão em estado virgem, conservando no próprio trabalho lingüístico as qualidades sertanejas de flexibilidade, eloquência e imaginação.²²

No âmbito da temática do primitivo, Ruth Guimarães captura certa qualidade invisível ou indefinível na paisagem e na alma de GSV que parece levar as palavras até o infinito.²³ Para Guimarães, o clima dos Gerais é o da magia do estranho e do diferente que, através do telúrico e do ontológico, leva à universalidade do conteúdo e a uma intransigente beleza. Essa impressão parece ser desdobrada no comentário de Raquel de Queiroz sobre a obscuridade deliberada do artesanato, um “desinventar” à base de linguagem perdida “dos sem-fins dos Gerais”.²⁴ A linguagem atávica é comentada por Euryalo Cannabrava, como uma “autêntica redescoberta do sentido original das palavras” tal como saíram da mente popular, sem perder a essência primitiva.²⁵ Um conceito paralelo do primitivo se encontra em Eduardo Portella, para quem a sinceridade da palavra e do “fato nu” em JGR “conduz à desnudação das coisas”.²⁶ Portella também liga a força e a vitalidade de GSV à utilização da violência, agente da transcendência, da agressão e da ternura. Tristão de Atayde investiga o problema do satanismo na literatura, encontrando em GSV um ambiente central de mistério no qual a presença do diabo na vida do sertão é uma autêntica realidade concreta, além de obsessão do narrador.²⁷ Para Paulo Rónai JGR é “inventor de abismos”, ligados à natureza e fechados

22. Affonso Ávila, “A autenticidade em Guimarães Rosa”, *O Estado de S. Paulo. Suplemento Literário* (12-I-57).

23. Ruth Guimarães, “A Comédia Humana do Sertão”, *Diário de São Paulo* (24-VI-56)

24. Raquel de Queiroz, “Corpo de Baile”, *O Cruzeiro* (30-VI-56).

25. Euryalo Cannabrava, “Guimarães Rosa e a Linguagem Literária”, *Diário de Notícias* (8-IV-56).

26. Eduardo Portella, “Um Romance Síntese”, *Correio da Manhã* (1-XII-56).

27. Tristão de Ataíde, “Satã nas Letras—V”, *Folha da Manhã* [S. Paulo] (20-IV-58).

ao raciocínio.²⁸ Esse terreno vago de superstições e premonições é um caminho à consciência do sentido da vida, através do lado atávico do homem, no qual atuam os seus esforços e medos. A complexidade de intenções do autor, nesse sentido, é infindável e tende ao infinito.

Benedito Nunes levou a crítica a uma nova apreciação temática e filosófica, colocando a natureza do próprio romance em primeiro plano: “a linguagem está em função do tema, das situações e dos personagens”.²⁹ A linguagem é considerada uma forma de discurso livre, desconexo, “nem dialeto regional nem criação arbitrária”, submetendo as recordações do jagunço a uma transformação estilística enquanto conserva, na tradição inovadora de *Macunaíma*, o substrato lingüístico. A unidade e o poder expressivo da obra, segundo Nunes, se encontram no ritmo dramático e na intensidade da linguagem. Mostra como GSV passa pela Idade Média, onde o místico Riobaldo seria cavaleiro andante, mas leva a visão crítica para além da gesta do sertão. O problema universal vai mais fundo, tratando do tema do bem e do mal, da existência do Diabo, da vida violenta, cruel e estranha, parecendo um pacto com o Diabo, e da contínua mudança de todas as formas. A traição das formas se liga à temática ético-religiosa: “o diabo é às brutas; mas Deus é traíçoeiro. Ah, uma beleza de traíçoeiro – dá gosto” (GSV).

Em novembro de 1957, o nº 8 da revista paulistana *Diálogo* é dedicado a GSV com 12 ensaios, entre eles “O Sertão e o Mundo”, de Candido, e “A Expressão Orgânica de um Escritor Moderno”, de Luiz Costa Lima, seguidos de uma extensa bibliografia cronológica de resenhas críticas. A “Apresentação”, justificando o número especial, invoca as duas principais linhas interpretativas fixadas desde 1946, a “temática e valorização de um setor da realidade” e o “mérito estilístico e inovador de sua linguagem poética”, ou seja, região e estilo. Persiste a tendência de ver em JGR uma continuação ou extensão da corrente regionalista, mesmo através das diferenças. Candido analisa GSV nas categorias de “terra, homem e luta”, observando que Euclides constata para explicar enquanto JGR inventa para sugerir.

Os ensaios de *diálogo* aprofundam conceitos analíticos, tal como a invenção, a totalidade, a organicidade e a musicalidade de GSV. Candido

28. Paulo Rónai, “O segredo de João Guimarães Rosa”, *O Estado de S. Paulo* (10-VI-56).

29. Benedito Nunes, “Primeira Notícia sobre *Grande Sertão: Veredas*”, *Jornal do Brasil* (10-II-57).

repara na “absoluta confiança na capacidade de inventar”, o que afasta o livro do regional para o universal. Roberto Simões encontra “impenetrável a capacidade renovadora do romance”, aludindo a uma densidade estética “que desafia o tempo e as exegeses”. Reparando no uso de citações poéticas e do imprevisito estilístico, Simões caracteriza GSV como ilha e continente. Paulo Dantas compara a invenção à música, organizada na escrita em “proporções sinfônicas” que leva a uma “revolução na língua e no sentimento nacional”.

Candido estuda a passagem do sertão ao “sertão-enquanto-mundo”, ou universo, através da fusão do homem e a terra, levando a “condição dupla” do romance a uma síntese superior. É através do sentido mágico-simbólico do texto, em que assistimos à mudança dos seres e à reversibilidade do existente, que Candido entende a coerência da totalidade homem-terra. O homem vive a topografia do mapa e do rio que divide o mundo, criando o verdadeiro e o falso, e, para se realizar, é obrigado a atravessar uma série de ritos de passagem épicos, reconhecíveis na sociedade primitiva dos cavaleiros andantes do sertão. A universalidade também funde o sertão com a literatura clássica, através das comparações feitas por Candido com *Orlando Furioso* e *Jerusalém Liberada*.

Luiz Costa Lima procura em GSV a organicidade de tema e de estilo em JGR, outra vertente de sua fusão de elementos díspares numa totalidade. Para Costa Lima, JGR captura as formas fluentes que o escritor louvou no conto húngaro: “uma língua ‘in opere’, fabulosamente em movimento, febril, incoagulável, velozmente evolutiva, toda possibilidade... nascente, revoltosa...”. A organicidade é operada pela fusão da linguagem trabalhadamente artística com a fala e os termos de origem e grafia populares. Uma dinamicidade rítmica, extasiante e luminosa, põe tudo em movimento por trechos inteiros. Milton Vargas interpreta a energia ou ímpeto vital de GSV em termos da intuição e duração de Bergson, levando à organicidade através de uma linguagem cifrada e uma atmosfera de poesia que abrangem Riobaldo e Diadorim, “os polos contrários de toda a realidade”. O relacionamento desses pólos é central para a tese de Dora da Silva sobre o demoníaco em GSV. Um pressentimento ou mesmo até a presença do diabo se encontra subjacente a todo o livro como uma “negatividade positiva” do demônio como não-ser, pólo negativo que prepara o mito astral da purificação e devolve o mundo à organicidade ortodoxa. Para Costa Lima, a dimensão metafísica também estrutura uma atitude orgânica através da afirmação da vida de Deus no interior do homem, última ligação entre o homem e o mundo.

III. Terceiras críticas

Uma terceira fase de evolução da crítica sobre JGR vem à luz na década de 60, comentando GSV e os contos de *Primeiras Estórias*, quando se consolida uma crítica consciente, antes representada por poucas vozes e capaz de refletir sobre o ato crítico e outras complexidades na tentativa de compreender JGR. Jorge de Sena classifica as diversas interpretações da obra de JGR segundo o tipo de cultura que o julga: aqueles interessados na temática de profundas ambigüidades humanas, no estilo derivado de Joyce, ou na estética regionalista.³⁰ Essas perspectivas implicam um conflito dentro de um vanguardismo técnico que é necessariamente nativista. Segundo Sena, enquanto a crítica não abrir as suas perspectivas para além das próprias fronteiras culturais, à procura de universalidade, não poderá libertar-se dessa condição. Dante Moreira Leite reitera a idéia em termos das trilhas rasgadas na terra: “talvez não nos permitam sair do grande sertão ou, o que é pior, talvez não nos permitam penetrá-lo”.³¹

Haroldo de Campos dá relevo aos estudos de universalização, penetrando no grande sertão através do problema da linguagem.³² Segundo a visão haroldiana, JGR é continuador da prática mais radical do estilo joyceano, feito de “contínuas invenções semânticas” levadas à desintegração do léxico tradicional. Aproveitando-se das ricas possibilidades de uma língua e fala brasileiras, JGR opera uma “revolução da palavra” através de uma “metalinguagem” simbolizando a interpenetração de linguagem e tema, estilo e região. No conto “Meu tio, o Iauaretê”, o longo monólogo-diálogo de um onceiro, composto de tupinismos e de interjeições, expletivos e resmungos onomatopaicos, funciona como “linguagem de onça”. A prosa chega a um “momento mágico” poundiano em que há uma verdadeira metamorfose, ao nível de fábula, do onceiro em onça e da linguagem em resíduos fônicos desconstruídos. A experimentação lingüística nasce de uma profunda identificação com o regional.

30. Jorge de Sena, “Da grandeza literária”, *O Estado de S. Paulo* (3-IV-65).

31. Dante Moreira Leite, “Grande Sertão: Veredas”, *O Estado de S. Paulo* (15-VII-61)

32. Haroldo de Campos, “A Linguagem do Iauaretê”, *O Estado de S. Paulo. Suplemento literário* (22-XII-1962). Republicado em *Metalinguagem* (Petrópolis: Vozes, 1970), pp. 47-53.

Surgem estudos temáticos e comparados que aprofundam a leitura de GSV com interpretações psicológicas, ético-religiosas e filosóficas. Moreira Leite investiga a maneira em que Riobaldo chega à plenitude através da consciência de si mesmo e do mundo do sertão. Observa que existe uma isomorfia entre a natureza e o homem, uma interpenetração com o ambiente que abrange, especificamente, a ambigüidade de função e finalidade de quanto existe. Essa leitura procura outro nível de interpretação, analisando os conflitos inconscientes, ou “avessos”, de Riobaldo. É Diadorim que incorpora o princípio de ambigüidade, a designação de Deus e o demônio, fonte de ódio e afeto. Moreira Leite lê GSV como a psicanálise de Riobaldo, “longa (e talvez interminável) sessão”, à base da ambivalência diante dos pais, vista afetivamente como um dos mais intensos conflitos da vida, processo em que o leitor é o psicanalista. Moreira Leite vê no tema da presença ou reconstrução da infância percepções, sentimentos e conflitos que iluminam toda a obra de JGR.³³

Roberto Schwarz compara GSV a *Dr. Faustus*, de Thomas Mann, ao nível de dramas fáusticos.³⁴ Ambos autores recorrem a um mito medieval para a estrutura de suas narrativas, um pacto com o diabo, trocando a alma por uma missão proposta. Para Schwarz, o mito é também um instrumento para se aproximar criticamente à psicologia individual. O demônio é um princípio cósmico, interior ao homem. A narração do diabo está cheia de máscaras e enganos, vítima de aparências: não se vislumbra a moça escondida no jagunço Diadorim. A História em GSV cede lugar ao mitológico e ao maravilhoso, da mesma forma que há uma passagem da região para o destino humano, ou um vasto mundo de paixão humana.

Em um estudo sobre o amor na obra de JGR, Benedito Nunes leva o problema da existência do Demônio e da natureza do Mal à interpretação da vida como força de Eros.³⁵ Baseando-se em “O Banquete”, de Platão, interpreta o GSV através do conceito de Eros como fonte de beleza e desejo de imortalidade, que opera numa série de sublimações, passando do sensível ao inteligível, do corpo à alma, da carne ao espírito. Segundo a visão crítica

33. Dante Moreira Leite, “A ficção de Guimarães Rosa”. *O Estado de S. Paulo* (14-IX-63), p. 11.

34. Roberto Schwarz, “Grande-sertão e Dr. Faustus”. *O Estado de S. Paulo* (9-IV-60).

35. Benedito Nunes, “O Amor na Obra de Guimarães Rosa,” *O Estado de S. Paulo. Suplemento literário* (27-III-65)

de Nunes, a simbologia amorosa no romance e a linguagem mítico-poética provêm do encontro da idéia platônica com a tradição hermética e alquímica e a teologia escolástica. Nunes situa GSV numa região simbólica de transformações: “no extremo limite do sagrado com o profano, a conversão do amor humano em amor divino, do erótico em místico”. O amor, elevando-se à espiritualidade, adquire uma “dimensão cósmica universal” que se traduz na relação do homem com o universo do sertão. Nunes expõe uma visão da simbologia de GSV em termos de transfigurações do misticismo alquímico, em que o celestial é contido no material. O romance em si simboliza “uma época de transição” em que o velho e o novo se confundem e a vitalidade do amor erótico é transformada em sabedoria e contemplação.

No ensaio de Nunes, GSV é posto em ação: processo, transformação, dialogação, fabulação, vitalismo, trajetória. Ao citar uma definição de amor do romancista inglês D.H. Lawrence, Nunes encontra um nome significativo para a futura crítica da obra de JGR: “A *travelling*/travessia”. A idéia de mudança ou de transformação, fundadas no ensaio e na interpretação filosófica de Nunes, se torna imprescindível para a futura teorização e compreensão crítica, que passa de artigos nos suplementos literários para livros especializados na obra de JGR.

IV. Travessia crítica

A partir de GSV abre-se um caminho seguido pela crítica que leva até as últimas décadas do século, marcado por estudos da linguagem, da forma e da estrutura da obra rosiana, na tentativa de compreender os processos exatos do laboratório criativo de JGR. Com a publicação em 1958 de *Trilbas no Grande Sertão*, de Cavalcanti Proença, o primeiro livro a sair exclusivamente sobre GSV e um marco na fortuna crítica, de “Canto e Plumagem das Palavras (Análise Estilística de JGR)” (1956), de Oswaldino Marques, seguidos em 1968 pela tese de Mary L. Daniel,³⁶ inicia-se uma fase de livros, teses e estudos com que se evidencia o intenso interesse pela obra de JGR nessa época, testemunhado

36. M. Cavalcanti Proença, *Trilbas no Grande Sertão* (Rio de Janeiro: MEC, 1958); Oswaldino Marques, “Canto e Plumagem das Palavras”. *Ensaio Escolhidos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968), pp. 77-148; Mary L. Daniel, *Travessia literária* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1968).

por uma bibliografia que conta centenas de títulos. As principais vertentes desses estudos de maior fôlego desenvolvem idéias encontradas em embrião nas primeiras fases da evolução de um arcabouço de conceitos críticos. O ensaio de Oswaldino é uma primeira tentativa de classificar o repertório verbal de JGR através de uma análise das técnicas de afixação, na criação de formas morfológicas intensificadas, e da invenção de palavras. Considerando a estética do sistema lingüístico de JGR em seus aspectos formais, Cavalcanti Proença debate o “barroquismo” estilístico de JGR no caráter neologístico do vocabulário, caracterizado por latinismos, arcaísmos, indianismos, e palavras eruditas. A análise trata de recursos sonoros, técnicas de pleonasma e afixação, o uso de toponímicos e processos enfáticos, dando ênfase à densidade semântica. Como investigação lingüística, entra em um caminho que também será trilhado por Daniel, descrevendo e explicando a formação e deformação de vocábulos como chave à leitura e à compreensão do mundo literário rosiano. A linguagem como tema de estudo abrange um levantamento de formas de retórica,³⁷ trabalhos sobre elementos esotéricos,³⁸ o discurso oral,³⁹ a nomenclatura,⁴⁰ o léxico,⁴¹ o uso do diálogo⁴² e a motivação lingüística.⁴³ Do estruturalismo estuda-se a construção ou criação do texto⁴⁴ e as suas ambiguidades.⁴⁵ A semiótica é

37. Paulo Rónai, *Rosiana: coletânea de conceitos, máximas e brocados de João Guimarães Rosa* (Rio de Janeiro: Salamandra, 1983).

38. Consuelo Albergaria, *Bruxo da linguagem no Grande Sertão: elementos esotéricos* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977).

39. Teresinha Ward, *O discurso oral em Grande Sertão: Veredas* (São Paulo: Duas Cidades, 1984).

40. Ana Maria Machado, *Recado do nome* (Rio de Janeiro: Imago, 1976); Nei Leandro de Castro, *Universo e Vocabulário do Grande Sertão* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1970).

41. Edna Maria F.S. Nascimento; Lenira Marques Covizzi, *João Guimarães Rosa: homem plural, escritor singular* (São Paulo: Atual, 1988).

42. Paulo Santos, *O diálogo no Grande Sertão: Veredas* (São Paulo: Hucitec, 1978).

43. Stephanie Merrim, *Logos and the Word: The novel of language and linguistic motivation in Grande Sertão: Veredas and Três Tristes Tigres* (New York: Peter Lang, 1983).

44. Wendel Santos, *A construção do romance em Guimarães Rosa* (São Paulo: Ática, 1978).

45. Walnice Nogueira Galvão, *As Formas do Falso* (São Paulo: Perspectiva, 1972).

introduzida em estudos sobre a iconografia,⁴⁶ o signo⁴⁷ e a grafia do indeterminado e aberto.⁴⁸ O GSV é interpretado como epopéia,⁴⁹ oralidade,⁵⁰ interação de fórmula e fábula.⁵¹ O folclore e a fábula levam à magia⁵² e à mitologia rosianas.⁵³ JGR e Borges são comparados pelo uso do insólito.⁵⁴ No nível temático, o mundo do sertão é ligado ao macrocosmos ou universo,⁵⁵ caos e cosmos,⁵⁶ cenário trágico⁵⁷ do panorama de uma cultura popular. Além de apresentações de suas obras nas traduções para várias línguas, há introduções críticas à vida e obra de JGR em inglês.⁵⁹

46. Aglaêda Facó, *Guimarães Rosa: do ícone ao símbolo* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1982).
47. Suzi Sperber, *Guimarães Rosa: signo e sentimento* (São Paulo: Atica, 1982).
48. Héctor Olea, *Tese de Mestrado* (Campinas: IEL/Unicamp, 1987).
49. Alaor Barbosa, *A epopéia brasileira* (Goiânia: Imery, 1981).
50. Klaus Meyer-Koeken, *Die Illusion von Oralität* (Köln: G. Klein, 1990).
51. Willi Bolle, *Fórmula e fábula* (São Paulo: Perspectiva, 1973).
52. Irene. G. Simões, *Guimarães Rosa: As paragens mágicas* (São Paulo: Perspectiva, 1983).
53. Walnice Nogueira Galvão, *Mitológica rosiana* (São Paulo: Atica, 1978).
54. Vera Campos, *Borges e Guimarães* (São Paulo: Perspectiva, 1988); Lenira Covizzi, *O insólito em Guimarães Rosa e Borges* (São Paulo: Atica, 1978).
55. José Garbuglio, *O mundo movente de João Guimarães Rosa* (São Paulo: Atica, 1972).
56. Suzi Sperber, *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa* (São Paulo: Duas Cidades, 1976).
57. Sônia Andrade, *A vereda trágica do Grande Sertão: Veredas* (São Paulo: Edições Loyola, 1985).
58. Leonardo Arroyo, *A cultura popular em Grande Sertão: Veredas* (Rio de Janeiro: José Olympio/INL/Pró Memória, 1984).
59. Jon Vincent, João Guimarães Rosa (New York: Twayne, 1978); Charles A. Perrone. "JGR: An Endless Passage", In *Modern Latin American Fiction: A Survey*, John King, ed. (London: Faber & Faber, 1987), pp. 117-35.

Há livros panorâmicos com informação geral sobre JGR e sua obra,⁶⁰ livros de memórias,⁶¹ cartas⁶² e estudos biográficos.⁶³ A publicação de uma fortuna crítica, como a de Eduardo de Faria Coutinho, no que tem de caráter celebratório, tende a representar certo fechamento ou encerramento das interpretações críticas da obra de JGR, o fim de um grande ciclo evolutivo da crítica até a maturidade dos seus ensinamentos.⁶⁴ Tal é um dos riscos e infortúnios de qualquer história de exegese crítica, que passa a privilegiar o texto crítico sobre o criativo. Mas atravessando esse sertão da crítica, de trilhas ambíguas de fingimento e de certeza, formas certeiras do falso no mundo de JGR, voltamos a uma de suas petições sobre a pluralidade do texto em *Tutaméia*: “Um escrito, será que basta?” A dúvida de JGR não se referirá também com certeza ao cânon cada vez mais amplo de uma crítica rosiana: Uma só crítica, será que basta?

V. Bois.br

Com a revolução cibernética do século XXI e a facilidade da internet, era inevitável que os bois do JGR ficassem ligados, espalhando as suas histórias por *orkut*, vocábulo que bem parece outra invenção rosiana. Ao fornecer um endereço eletrônico a JGR (grandesertao.br),⁶⁵ o livro de Wille Bolle revisita o problema de regionalismo e nacionalismo. Desta vez, porém, sofre uma consolidação e consagração de visão, fazendo de GSV o reflexo contemporâneo d’*Os Sertões* de Euclides da Cunha (uma comparação já mencionada por Candido), elevando o romance a um “estudo pátrio” e retrato do Brasil, através de uma fusão do realismo regionalista e a sociologia modernista. Superando a questão de região, o romance é visto como a própria epopéia do nacional, completando e reiterando o grande projeto de Euclides, desmascarando

60. Nascimento/Covizzi, *op. cit.*

61. Vilma Guimarães Rosa, *Relembrações: JGR, meu pai* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983).

62. Paulo Dantas, *Sagarana Emotiva: cartas de JGR a PD* (São Paulo: Duas Cidades, 1975).

63. Vicente Guimarães, *Joãozinho. Infância de JGR* (Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1972).

64. Eduardo de Faria Coutinho, *Guimarães Rosa*, 6ª ed. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Pró Memória/INL, 1983).

65. Willi Bolle, *grandesertao.br* (São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004).

as grandes cisões da nacionalidade. Quando havia em Euclides, há um século, o confronto entre sertanejos e republicanos, aqui se observa o desentendimento entre classes, destiladas em uma dominante e outra popular, ainda encarado como o maior problema e desafio à nação na atualidade. Além de funcionar como um sumário do nacional, a obra rosiana ainda engloba a formação do Brasil, reiterando a memória do seu passado histórico, em um painel que encena cenários, pessoas e gestos primários da formação nacional, numa internalização simbólica e política da crítica a JGR.⁶⁶ Com a consagração ao nível de “epopéia nacional”, sempre existe a sugestão de uma exaustão crítica, na falta de conceitos e visões novos e inusitados. De fato, a elevação de JGR a autor formativo coexiste, concomitantemente, com um número cada vez maior de estudos que trilham os caminhos já consagrados pela crítica anterior: visões panorâmicas e sintéticas,⁶⁷ conexões entre a vida e obra,⁶⁸ questões de linguagem,⁶⁹ investigações psicanalíticas,⁷⁰ estudos temáticos⁷¹ e comparados.⁷²

66. Outros livros que destacam o GSV como resumo do nacional incluem Deise Dantas Lima, *Encenações do Brasil rural em GR* (Niterói: Fluminense, 2001); Heloisa Maria Murgel Starling, *Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em GS:V* (Rio: U Candido Mendes-UCAM; Revan, 1999); e Carlos Rodrigues Brandão, *Memória sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de JGR* (São Paulo: Cone Sul; U. Uberaba, 1998).
67. Walnice N. Galvão, *Guimarães Rosa* (São Paulo: Publifolha, 2000); Fernando Granato, *Nas trilhas do Rosa: uma visão pelos caminhos de GS:V* (São Paulo: Scritta, 1996).
68. Beatriz Berini, *Convivendo com GR: GS:V* (São Paulo: EDUC, 2004); Carlos Alberto Abel, *Rosa autor Riobaldo narrador: veredas da vida e da obra de JGR* (Rio de Janeiro: Relume Dumara; FAPERJ, 2003).
69. Lauro Belchior Mendes; Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, orgs. *Astúcia das palavras: ensaios sobre GR* (Belo Horizonte: Poslit, Fale/UFMG, 1998).
70. Márcia Marques de Moraes, *Travessia dos fantasmas: literatura e psicanálise em GS:V* (Belo Horizonte: Autêntica, 2001).
71. Susana Kampff Lages, *JGR e a Saudade* (São Paulo: Ateliê, 2002); Heloísa Vilhena de Araújo, *Espelbo: contribuição ao estudo de GR* (São Paulo: Mandarin, 1998); *Palavra e tempo: ensaios sobre Dante, Carroll e GR* (São Paulo: Mandarin, 2001); Paulo César Carneiro Lopes, *Utopia cristã no sertão mineiro: uma leitura de “A hora e vez de AM” de JGR* (Petrópolis: Vozes, 1997); Luiz Roncari, *Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder* (São Paulo: FAPESP; Editora UNESP, 2004).
72. Heloísa Vilhena de Araújo, *Palavra e tempo: ensaios sobre Dante, Carroll e GR* (São Paulo: Mandarin, 2001).

Se no Brasil a crítica já alcançou o seu auge, no âmbito internacional apenas começa a intensificar a sua inspeção das inovações rosianas. Para a construção de uma visão global, a crítica do século XXI já está bem encaminhada para a internacionalização das veredas ficcionais rosianas, com dois volumes publicados do Seminário Internacional GR, que se reuniu na PUC-Minas Gerais pela segunda vez em 2001.⁷³ Há um número crescente de importantes coleções internacionais dedicadas a JGR nas principais línguas européias, organizadas por especialistas eminentes e apresentando novas perspectivas críticas oriundas de fora do Brasil.⁷⁴ Entre essas, surge o tema feminino na nova roupagem da mulher como perspectiva crítica.⁷⁵

À sombra do centenário de nascimento de JGR, a sua obra ocupa um lugar de alto destaque no rol dos livros pioneiros onde se encontra uma rememoração das raízes da formação nacional brasileiro, revisitadas pelo autor mineiro nos cenários atávicos do sertão. E saindo do mundo simbólico, lingüístico e mítico do sertão, são atualmente as veredas cibernéticas que ora comunicam a arte de JGR e o seu sertão a um mundo global de receptores.

Abstract: A retrospective review of criticism of the works of João Guimarães Rosa from 1945 to 2005, based on the archive of the Instituto de Estudos Brasileiros, distinguishing clear phases of theoretical and critical interpretation in the evolution of his literary significance.

Key words: criticism, theory, interpretations.

73. Lélia Parreira Duarte, org. *Seminário Internacional GR* (Belo Horizonte: PUC Minas, 1998); (2ª ed., 2001; Belo Horizonte: PUC Minas, 2003).

74. M. Marcelo Marinho, *Grande Sertão: Veredas: Lectures critiques et Approche stylistique. Contribution à l'étude de la Poétique de l'énigme* (Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2001); *João Guimarães Rosa* (Paris: L'Harmattan, 2003); Stefan Dutzenberger, *Europa in GS: V* (Amsterdão, NY: Rodopi, 2005); Ettore Finazzi-Agrò, *Um Lugar do Tamanbo do Mundo* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001); Fani Schiffer Durães, Riobaldo und Faust: Untersuchung zum Faust-Mythos bei JGR; Giulia Lanciani, org. *João Guimarães Rosa: Il che delle cose* (Roma: Bulzoni, 2000).

75. Adair de Aguiar Neitzel, *Mulheres rosianas: percursos pelo GS: V* (Florianópolis: UFSC, 2004); Cleusa Rios P. Passos, *Guimarães Rosa: Do feminino e suas histórias* (São Paulo: Editora HUCITEC; FAPESP, 2000).